

CADERNO DE IMPRENSA

festival internacional
Seixal Jazz
2026



8A17 AUDITÓRIO MUNICIPAL
OUT. DO FÓRUM CULTURAL
DO SEIXAL

27.ª
EDIÇÃO

CHRISTIE
DASH  **ELL**
CAMILLA
GEORGE 
LUI'S
VICENTE 
HUGO
CARVALHAIS
MORAN  **JASON**
MYRA 
MELFORD 
TRIO
EXPANDING HORIZONS
WITH LEO GENOVESE
AND TONY MALABY
OBLONG EMISSION
'S
FIRE AND WATER
QUINTET

patrocinadores / apoios



media partner



cm-seixal.pt



SEIXALJAZZ CLUBE
SOCIEDADE FILARMÓNICA DEMOCRÁTICA
TIMBRE SEIXALENSE
23 E 24 HORAS

festival internacional

Seixal Jazz 2026

**8A17
OUT.**

27.^a
EDIÇÃO

festival internacional **SeixalJazz** 2026

A 27.ª edição do Festival Internacional SeixalJazz reflete um trabalho consolidado ao longo de 30 anos, apresentando uma programação que celebra os rumos do jazz atual – um jazz que, apesar de conhecedor da tradição, é diversificado, inventivo e permeável a novas linguagens e explorações sonoras.

Na edição deste ano, celebramos a tradição do jazz que nos trouxe até aqui, mas também os caminhos por ela abertos à inovação e conceptualização, enquanto música que, para lá de si mesma, se abre a outras expressões culturais, reflete influências que lhe são externas e pensa o mundo.

Destas tendências são claros exemplos os músicos americanos desta edição. O supergrupo Fire and Water, liderado pela pianista Myra Melford, profundamente inspirado na obra do artista visual Cy Twombly. O compromisso com a história afro-americana e com a arte gráfica de Jean Michel Basquiat, de Jason Moran. E a abordagem dos temas da liberdade e do legado dos ancestrais na exploração de diversos estilos da música negra americana presente na arte de Christie Dashiell.

Do mesmo modo, a londrina Camilla George apresenta um estilo musical que é uma mistura hipnotizante de afrofuturismo, hip-hop e jazz, com uma forte dimensão cultural e política relacionada com a sua identidade, linhagem e herança nigerianas. O trio de Luís Vicente convida dois músicos do outro lado do Atlântico para desafiar fronteiras entre estrutura e liberdade, lirismo e abstração. E Hugo Carvalhais apresenta a súpula de uma pentalogia discográfica que se debruça sobre temas conceptuais e recebe inspirações em diferentes estilos musicais, assim como influências cinematográficas e literárias.

De igual modo, o SeixalJazz Clube, com o seu ambiente informal e uma programação gratuita que privilegia a apresentação de grupos nacionais de jazz e música improvisada, colocando ênfase em projetos emergentes, tem também a mesma marca de um jazz que não está fechado sobre si próprio.

Esta evidência está nos diálogos estabelecidos com as obras literárias de Haruki Murakami, no caso da atuação de João Próspero, e de Virginia Wolf, como acontece no concerto que nos traz Filipa Franco, mas também com o livro bíblico de Eclesiastes, o desafio assumido por Ricardo Coelho.

Com Narcolepsus, cinco jovens músicos de Lisboa, Copenhaga e Amesterdão exploram a estética alemã e pós-tonal do dodecafonismo, corrente musical do século XX que não se esgota, nem nasce no jazz. Já Bruno Ponte assume influências que bebem no jazz, mas também na música tradicional madeirense, no blues e no metal, para construir uma narrativa que é também uma metáfora para a própria evolução artística do jovem músico. E, por fim, Joana Raquel deixa-se inspirar pela música tradicional portuguesa e apresenta um projeto que tem tanto de musical como de poético e que assume uma importante componente visual.

Vinte e sete edições, trinta anos de percurso – a acompanhar o melhor que o jazz dentro e fora de fronteiras tem para oferecer – dão-nos a maturidade, a confiança e o saber para um programa que aceita e reconhece as sementes que os músicos contemporâneos de jazz recolhem de diferentes influências, expressões e experiências artísticas, mas também das percepções e leituras do mundo em que vivem. Uma oportunidade para celebrarmos a semente, a sementeira e a diversidade dos seus frutos.

Com este programa saudamos e afirmamos a nossa crença e respeito por uma tradição que persiste, porque também inova. O festival, enfim, permanece, porque é sempre o mesmo, e sempre o mesmo porque se renova. E o jazz, de algum modo, sempre o mesmo e sempre novo. Porque o festival, como o jazz no mundo, e aqui à beira Tejo, é sempre outra coisa.

festival internacional SeixalJazz 2026

The 27th edition of the SeixalJazz International Festival reflects 30 years of established work, presenting a programme that celebrates the current trends in jazz – a form of jazz which, whilst rooted in tradition, is diverse, inventive and open to new musical languages and sonic explorations. In this year's edition, we celebrate the jazz tradition that has brought us this far, but also the paths it has opened up to innovation and conceptualisation, as a form of music which, transcending its own boundaries, opens up to other cultural expressions, reflects external influences and contemplates the world.

The American musicians featured in this issue are clear examples of these trends. The Fire & Water supergroup, led by pianist Myra Melford, is deeply inspired by the work of visual artist Cy Twombly. Jason Moran's commitment to African-American history and the graphic art of Jean-Michel Basquiat. And the exploration of themes of freedom and the legacy of ancestors through the various styles of African-American music featured in Christie Dashiell's art.

Similarly, London-based Camilla George presents a musical style that is a mesmerising blend of Afrofuturism, hip hop and jazz, with a strong cultural and political dimension linked to her Nigerian identity, lineage and heritage. Luís Vicente's trio invites two musicians from across the Atlantic to challenge the boundaries between structure and freedom, lyricism and abstraction. And Hugo Carvalhais presents an overview of a five-part album series that explores conceptual themes and draws inspiration from a variety of musical styles, as well as cinematic and literary influences.

Similarly, the SeixalJazz Club, with its informal atmosphere and a programme of free events that prioritises performances by Portuguese jazz and improvised music groups, with a particular focus on emerging projects, also embodies the same spirit of jazz that is not closed in on itself.

This evidence can be found in the dialogues established with the literary works of Haruki Murakami – in the case of João Próspero's performance – and of Virginia Woolf, as seen in the concert presented by Filipa Franco, but also with the biblical book of Ecclesiastes, the challenge taken up by Ricardo Coelho.

With Narcolepsus, five young musicians from Lisbon, Copenhagen and Amsterdam explore the German and post-tonal aesthetics of dodecaphonism, a 20th-century musical movement that is neither limited to nor derived from jazz. Bruno Ponte, meanwhile, draws on influences from jazz, as well as traditional Madeiran music, in blues and metal, to craft a narrative that also serves as a metaphor for the young musician's own artistic development. And finally, Joana Raquel draws inspiration from traditional Portuguese music and presents a project that is as much musical as it is poetic, and which features a significant visual element.

Twenty-seven editions, thirty years of history – following the very best that jazz has to offer, both at home and abroad – give us the maturity, confidence and expertise to put together a programme that embraces and acknowledges the seeds that contemporary jazz musicians draw from diverse influences, forms of expression and artistic experiences, as well as from their perceptions and interpretations of the world in which they live. An opportunity to celebrate the seed, the sowing and the diversity of its fruits.

Through this programme, we pay tribute to and reaffirm our belief in and respect for a tradition that endures because it also innovates. The festival, in the end, endures, because it is always the same and yet is always the same, because it renews itself. And jazz, in a way, is always the same and always new. Because the festival, like jazz, whether around the world or here on the banks of the Tagus, is always something different.

27th

EDITION

27.ª EDIÇÃO

CHRISTIE

DASHIELL



CAMILLA

GEORGE

LUÍS

VICENTE

TRIO

EXPANDING HORIZONS
WITH LEO GENOVESE
AND TONY MALABY

HUGO

CARVALHAIS



MYRA

MORAN



JASON

OBLONG EMISSION

MELFORD

'S
FIRE AND WATER
QUINTET

PROGRAMA **PROGRAMME**

**AUDITÓRIO MUNICIPAL
DO FÓRUM CULTURAL
DO SEIXAL**



QUINTA DOS FRANCESES
SEIXAL





8 OUT. [QUINTA-FEIRA] 22H

OCTOBER 8 [THURSDAY] 10 P.M.

CHRISTIE DASHIELL

Christie Dashiell – voz *vocals*

Danny Grissett – piano **Reggie Washington** – contrabaixo *double bass*

Yoràn Vroom – bateria *drums*

Na encruzilhada entre o jazz, R&B, gospel e soul, a vocalista e compositora Christie Dashiell atua pela primeira vez em Portugal, no primeiro dia da edição deste ano do SeixalJazz. A norte-americana traz ao festival o seu talento na improvisação e o seu tom naturalmente claro e rico de quem cantou toda a vida.

Proveniente de uma família de músicos, nascida em Washington e criada na Carolina do Norte, Dashiell lançou o álbum de estreia em 2016. Desde então atua regularmente com o seu quarteto, mas também tem trabalhado com diversos músicos e formações. Em 2024 editou o segundo álbum, «Journey in Black», distinguido com uma crítica de cinco estrelas pela revista *Downbeat* e nomeado na categoria de melhor álbum vocal de jazz nos Prémios Grammy de 2025.

Neste muito aguardado e largamente aclamado segundo registo, Christie Dashiell reuniu sete composições originais e dois arranjos singulares para canções de outros autores, explorando temas como a liberdade, o legado dos ancestrais, a alegria e a dor. O resultado é uma fusão que alia a música improvisada a diversos estilos da música negra americana.

Ainda em 2025, juntou-se à baterista Terri Lyne Carrington na edição do álbum «We Insist 2025!», projeto com o qual procuram honrar Max Roach e Abbey Lincoln, mas também repensar o papel da música enquanto ferramenta de resistência e de esperança. Um álbum que foi considerado um dos melhores do ano pela crítica especializada.

Estreia absoluta em Portugal e logo na primeira noite do festival, o SeixalJazz de 2026 começa com a voz melódica de Christie Dashiell.

At the crossroads of jazz, R&B, gospel and soul, singer-songwriter Christie Dashiell is performing in Portugal for the first time, on the opening day of this year's SeixalJazz festival. The American singer brings to the festival her talent for improvisation and her naturally clear, rich tone, of someone who has been singing all her life.

Coming from a family of musicians, born in Washington and brought up in North Carolina, Dashiell released her debut album in 2016. Since then, she has been performing regularly with her quartet, but has also been working with various musicians and ensembles. In 2024, she released her second album, 'Journey in Black', which received a five-star review from Downbeat magazine and was nominated for Best Vocal Jazz Album at the 2025 Grammy Awards.

On this eagerly awaited and widely acclaimed second album, Christie Dashiell has brought together seven original compositions and two unique arrangements of songs by other artists, exploring themes such as freedom, the legacy of one's ancestors, joy and sorrow. The result is a fusion that combines improvised music with various styles of African-American music.

Also in 2025, she joined forces with drummer Terri Lyne Carrington on the album 'We Insist 2025!', a project through which they seek to honour Max Roach and Abbey Lincoln, whilst also rethinking the role of music as a tool for resistance and hope. An album that was hailed by music critics as one of the best of the year.

Making its debut in Portugal on the very first night of the festival, SeixalJazz 2026 kicks off with the melodious voice of Christie Dashiell.



9 OUT. [SEXTA-FEIRA] 22H

OCTOBER 9 [FRIDAY] 10 P.M.

CAMILLA GEORGE

Camilla George – saxofone alto *alto saxophone*

Renato Paris – teclado e voz *keyboards and vocals*

Karl Rasheed-Abel – baixo *bass*

Rod Youngs – bateria *drums*

Na cena jazz londrina contemporânea, Camilla George é um dos nomes que é obrigatório conhecer. A visionária e inovadora compositora e instrumentista é dona de uma identidade musical própria, enraizada nas suas origens africanas e cruzando tradição e modernidade.

Nascida em Eket, na Nigéria, Camilla George cresceu a ouvir Fela Kuti, Jackie McLean e Charlie Parker e desde cedo se interessou pela fusão entre as tradições africana e ocidental, que ainda hoje são marcas identitárias da música que compõe e interpreta e que estão presentes igualmente nos seus trabalhos, parcerias e colaborações. Isso mesmo evidencia «Ibio Ibio», álbum de 2022, em que homenageia a tribo Ibíbio, da costa sudeste nigeriana, a que remontam as suas origens.

Camilla George apresenta um trabalho sólido de celebração da identidade e humanismo. Desde 2014, em que lançou o primeiro álbum, «Isang», significando viagem em ibíbio, a sua língua nativa, passando por «The People Could Fly», de 2018, em que abordou histórias de escravos passadas através de gerações, num legado de dor, mas também de esperança.

Com um estilo musical que é uma mistura hipnotizante de afrofuturismo, hip-hop e jazz, com uma forte dimensão cultural e política relacionada com a sua identidade, linhagem e herança nigerianas, as composições da saxofonista refletem a história, a cultura e a memória da escravidão dos povos de África.

In the contemporary London jazz scene, Camilla George is one of the names you simply must know. This visionary and innovative composer and instrumentalist has her own distinct musical identity, rooted in her African heritage and blending tradition with modernity.

Born in Eket, Nigeria, Camilla George grew up listening to Fela Kuti, Jackie McLean and Charlie Parker, and from an early age took an interest in the fusion of African and Western traditions – elements which remain defining features of the music she composes and performs, and which are equally evident in her work, partnerships and collaborations. This is particularly evident in 'Ibio Ibio', her 2022 album, in which she pays tribute to the Ibíbio tribe of Nigeria's south-east coast, to which her origins can be traced.

Camilla George presents a compelling body of work that celebrates identity and humanism. Since 2014, when she released her first album, 'Isang' – meaning 'journey' in Ibíbio, her native language – through to 'The People Could Fly' in 2018, in which she explored stories of slaves passed down through the generations, a legacy of pain but also of hope.

With a musical style that is a mesmerising blend of Afrofuturism, hip hop and jazz, and featuring a strong cultural and political dimension linked to her Nigerian identity, lineage and heritage, the saxophonist's compositions reflect the history, culture and memory of the enslavement of the peoples of Africa.





10 OUT. [SÁBADO] 22H
OCTOBER 10 [SATURDAY] 10 P.M.

LUÍS VICENTE TRIO – EXPANDING HORIZONS WITH LEO GENOVESE AND TONY MALABY

Luís Vicente – trompete *trumpet* **Tony Malaby** – saxofone *saxophone* **Leo Genovese** – piano
Gonçalo Almeida – contrabaixo *double bass* **Onno Govaert** – bateria *drums*

Conhecido pelo espírito aventureiro, profundidade emocional e exploração sonora, Luís Vicente Trio é uma das forças mais dinâmicas do jazz português contemporâneo.

O trio é liderado pelo trompetista e compositor Luís Vicente, considerado Músico do Ano nacional em 2025 pela *jazz.pt.*, e constitui uma combinação de virtuosos que transita com fluidez entre a estrutura e a liberdade, o lirismo e a abstração, e a partir dos quais desenvolve um diálogo musical poderoso.

Aclamado pelas suas performances ao vivo e por gravações que esbatem as fronteiras entre o free jazz, a improvisação contemporânea e a expressão lírica, o grupo navega agora numa nova e emocionante fase e embarca numa formação de quinteto, em que levam a bordo dois artistas de renome internacional: o pianista argentino Leo Genovese e o saxofonista americano Tony Malaby.

A colaboração reúne cinco vozes distintas, conjugadas numa abertura à criatividade de cada um dos seus elementos e definida por um sentido de risco partilhado. À conjugação bem oleada do trio de Luís Vicente, junta-se agora a imaginação sem limites e vitalidade rítmica de Genovese e o tom rico e fraseado profundamente expressivo de Malaby, resultando numa música que ganha novas camadas de intensidade e cor.

O resultado é um encontro eletrizante, numa conversa sem fronteiras, em que a vibrante energia criativa de Lisboa se encontra com o espírito livre da cena de jazz vanguardista de Nova Iorque.

Tudo isto pode ser conferido no palco do SeixalJazz.

Renowned for its adventurous spirit, emotional depth and exploration of sound, the Luís Vicente Trio is one of the most dynamic forces in contemporary Portuguese jazz.

The trio is led by the trumpeter and composer Luís Vicente, named National Musician of the Year in 2025 by jazz.pt, and comprises a group of virtuosos who move fluidly between structure and freedom, lyricism and abstraction, and through whom they develop a powerful musical dialogue.

Acclaimed for their live performances and recordings that blur the boundaries between free jazz, contemporary improvisation and lyrical expression, the group is now entering an exciting new phase and embarking on a new quintet line-up, which includes two internationally renowned artists: the Argentine pianist Leo Genovese and the American saxophonist Tony Malaby.

This collaboration brings together five distinct voices, united in an openness to the creativity of each of its members and defined by a shared sense of risk. The well-oiled interplay of Luís Vicente's trio is now complemented by Genovese's boundless imagination and rhythmic vitality, and Malaby's rich tone and deeply expressive phrasing, resulting in music that takes on new layers of intensity and colour.

The result is an electrifying encounter, a conversation without boundaries, where Lisbon's vibrant creative energy meets the free spirit of New York's avant-garde jazz scene.

All of this can be seen on stage at SeixalJazz.

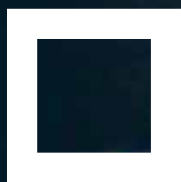
Following four albums that have enjoyed great international acclaim – featuring leading musicians such as Tim Berne, Émile Parisien, Dominique Pifarély, Jeremiah Cymerman, Liudas Mockunas, Mário Costa and Gabriel Pinto – Hugo Carvalhais is preparing to bring this chapter to a close. In the artistic world of the double bassist, composer and producer, his body of work was conceived as a unified whole, comprising five albums. The last of these works – the fifth – will take shape during 2026.

The journey began with 'Nebulosa' (2010), Carvalhais's debut album, which laid the foundation for this project by focusing on the infinitely vast. This was followed by 'Partícula' (2012), a reflection on the infinitely small. Between these two immeasurable extremes came 'Grand Valis' (2015), which explores the nature of the external reality we perceive in our daily lives. For its part, the fourth album, 'Ascetica' (2022), offered a journey into our inner selves and human consciousness.

To bring to a close the five-part series that began sixteen years ago, 'Sacra' is now released, marking the final chapter of this journey. Whilst previous entries dealt with different aspects of life and physical reality, this one focuses on death, the post-mortem and the transcendent.

At his concert in Seixal, Hugo Carvalhais will revisit memorable moments, landscapes and compositions from these five albums, celebrating a 16-year span, as a new ensemble reinterprets the work, drawing on material that remains alive. The repertoire lends itself to a variety of formats – from solo to sextet – opening up new paths and improvisational landscapes that the body of work as a whole inspires, drives and brings to life.

A performance that bridges the gap between the composer's artistic past and future, and demonstrates why, today, Hugo Carvalhais is one of the most interesting and internationally renowned jazz musicians on the Portuguese scene.



15 OUT. [QUINTA-FEIRA] 22H

OCTOBER 15 [THURSDAY] 10 P.M.

HUGO CARVALHAIS – OBLONG EMISSION

Hugo Carvalhais – contrabaixo e composição *double bass and composition*

Fábio Almeida – saxofone *saxophone* **Gabriel Neves** – saxofone *saxophone*

Gabriel Pinto – teclados *keyboards* **Fernando Rodrigues** – teclados *keyboards*

Mário Costa – bateria *drums*

Após quatro álbuns de excelente projeção internacional – com a participação de músicos de referência como Tim Berne, Émile Parisien, Dominique Pifarély, Jeremiah Cymerman, Liudas Mockunas, Mário Costa ou Gabriel Pinto –, Hugo Carvalhais prepara-se para fechar um ciclo. No universo artístico do contrabaixista, compositor e produtor, a sua obra foi pensada como um todo unificado, composto por cinco álbuns.

A última destas peças, a quinta, ganhará forma durante o ano de 2026.

O percurso começou com «Nebulosa» (2010), o primeiro álbum de Carvalhais, que lançou a primeira pedra desta construção ao focar-se no infinitamente grande. Seguiu-se «Partícula» (2012), uma reflexão sobre o infinitamente pequeno. Entre estes dois extremos incomensuráveis surgiu «Grand Valis» (2015), que aborda a natureza da realidade exterior que percebemos no dia a dia. Por seu turno, o quarto álbum, «Ascetica» (2022), propôs um mergulho no nosso interior e na consciência humana.

Para concluir a pentalogia iniciada há 16 anos, surge agora «Sacra», o último andamento desta viagem. Se os registos anteriores abordavam diferentes aspetos da vida e da realidade física, este debruça-se sobre a morte, o *post mortem* e o transcendente.

No concerto que apresenta no Seixal, Hugo Carvalhais vai revisitar momentos, paisagens e composições marcantes destes cinco álbuns, celebrando um arco temporal de 16 anos, numa reapropriação da obra por parte de um novo *ensemble*, trabalhando um material que permanece vivo. O repertório adapta-se a múltiplos formatos – do solo ao sexteto –, abrindo portas a novos caminhos e paisagens improvisacionais que a totalidade da obra inspira, impulsiona e faz brotar.

Um espetáculo que abre uma porta entre o passado e o futuro artístico do compositor e demonstra porque, no presente, Hugo Carvalhais é um dos mais interessantes e internacionais músicos de jazz do panorama português.



Jason Moran, described by Rolling Stone magazine as “the most provocative thinker in jazz today”, has a career spanning three decades and is one of the most creative and influential voices in contemporary jazz.

Born in 1975, Moran first recorded with Greg Osby and made his debut as the frontman of a band in 1999 with the album ‘Soundtrack to Human Motion’, which was recognised as the best debut album by the Association of Jazz Journalists. Their second album, ‘Facing Left’, was described by JazzTimes magazine as “an instant classic” and established The Bandwagon Trio, the group he leads. The trio were joined by Sam Rivers on their third album, entitled ‘Black Stars’.

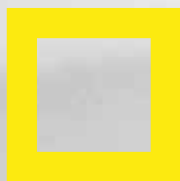
‘Modernistic’ is the composer’s first solo album and dates from 2002. It clearly demonstrates his versatility as a pianist with both classical and innovative skills. ‘The Bandwagon’ marks Moran’s return to recording with a band and has once again drawn attention to him with three ‘rising star’ accolades as an artist, pianist and composer.

The rise has been confirmed. Moran paid memorable tributes to jazz legends such as Thelonious Monk and Fats Waller, and proved himself to be a prolific instrumentalist and composer, releasing several albums, including ‘Same Mother’, ‘Artist in Residence’, ‘Ten’, ‘Hagar’s Song’ (with Charles Lloyd), ‘Refraction – Breakin’ Glass’, ‘Let My People Go’ with Archie Shepp, and ‘Refract’. In 2026, Moran released ‘Shards’.

Artists who have performed or recorded with Jason Moran include names such as Cassandra Wilson, Wayne Shorter, Dave Holland, Marian McPartland, Don Byron, Joe Lovano, Steve Coleman and Lee Konitz, amongst many others.

Composer of the soundtrack for Ava DuVernay’s film ‘Selma’, as well as the video game ‘Valiant Hearts’, Jason Moran is actively involved in a range of multidisciplinary artistic projects and demonstrates a deep commitment to African-American history, a particular interest in modern furniture design and a passion for the art of Jean-Michel Basquiat, which has inspired a series of compositions throughout his career collectively known as ‘Gangsterism’.

Any opportunity to see and hear Jason Moran is as unmissable as it is unique, whether he’s performing with a band, as part of a duo or as a solo artist. And it is this last act that will take to the stage and fill the audience at SeixalJazz.



16 OUT. [SEXTA-FEIRA] 22H
OCTOBER 16 [FRIDAY] 10 P.M.

JASON MORAN

Jason Moran – piano



Jason Moran, de acordo com a revista *Rolling Stone*, «o pensador mais provocador do jazz atual», tem uma carreira que atravessa três décadas e faz da sua voz uma das mais criativas e influentes do jazz contemporâneo.

Nascido em 1975, Moran gravou primeiro com Greg Osby e estreou-se frente a uma banda em 1999 com o álbum «Soundtrack to Human Motion», recebendo o reconhecimento como melhor álbum de estreia pela Associação de Jornalistas de Jazz. O segundo álbum, «Facing Left», foi considerado pela *JazzTimes Magazine* como «um clássico instantâneo» e estabeleceu The Bandwagon Trio, formação que lidera. O trio recebeu a colaboração de Sam Rivers para o terceiro registo, intitulado «Black Stars».

«Modernistic» é o primeiro registo a solo do compositor e data de 2002. Nele fica evidente a sua versatilidade enquanto pianista de dotes clássicos e inovadores. «The Bandwagon» assinala o retorno de Moran aos discos de grupo e volta a chamar a atenção com três distinções de «estrela em ascensão» enquanto artista, pianista e compositor.

A ascensão confirmou-se. Moran prestou tributos marcantes a lendas do jazz como Thelonious Monk ou Fats Waller e demonstrou-se um profícuo instrumentista e compositor, lançando diversos registos discográficos, entre os quais «Same Mother», «Artist in Residence», «Ten», «Hagar's Song», com Charles Lloyd, «Refraction – Breakin' Glass», «Let My People Go» com Archie Shepp, e «Refract». Já em 2026, Moran surge com «Shards».

Entre os artistas que atuaram ou gravaram com Jason Moran incluem-se nomes como Cassandra Wilson, Wayne Shorter, Dave Holland, Marian McPartland, Don Byron, Joe Lovano, Steve Coleman e Lee Konitz, entre muitos outros.

Autor da banda sonora do filme «Selma», de Ava DuVernay, assim como do jogo Valiant Hearts, Jason Moran é dinâmico em vários projetos artísticos multidisciplinares e revela um profundo compromisso com a história afro-americana, um peculiar interesse por design de mobiliário moderno e uma paixão pela arte de Jean Michel Basquiat, que lhe inspira uma série de composições ao longo da carreira sob designação genérica de «Gangsterism».

Qualquer oportunidade para ver e ouvir Jason Moran é tão indispensável quanto única, seja integrado em bandas, em formato duo ou a solo. E é nesta última condição que vai preencher o palco e a plateia do SeixalJazz.



The ensemble, led by the American composer and pianist Myra Melford, brings together five bandleaders from other ensembles, all of whom are among the most innovative instrumentalists in modern jazz. The project draws deep inspiration from the work of the visual artist Cy Twombly, in particular from the series of drawings entitled 'Gaeta Set (For the Love of Fire and Water)'.

In this programme, Myra Melford translates the kinetic qualities and energy of Twombly's paintings into compositions that blend jazz, free improvisation and chamber music. 'For the Love of Fire and Water' (2022) was, in fact, the title that the quintet borrowed – as a tribute – for the first of two albums they have released to date.

Following a debut album, structured as a suite in 10 movements, the quintet released 'Hear the Light Singing' (2023), an album that engages in a dialogue with the first, whilst remaining inspired by Twombly's aesthetic.

Whilst rejecting the compositions as literal interpretations of Twombly's drawings, the quintet explores calm sounds, crescendos, provocations and cacophonies, repetitions and melodic ideas, but also the power, tempestuousness and unpredictability of nature, finding a powerful image in the way 'sunlight interacts with water'.

Although the pianist would like listeners to the compositions to be familiar with the painter's and sculptor's work, she regards her works more as a reference point for the way in which the quintet combines the musical aesthetics of each of its members. A meeting of fire and water, resulting in a sound imbued with mystery and enigma.

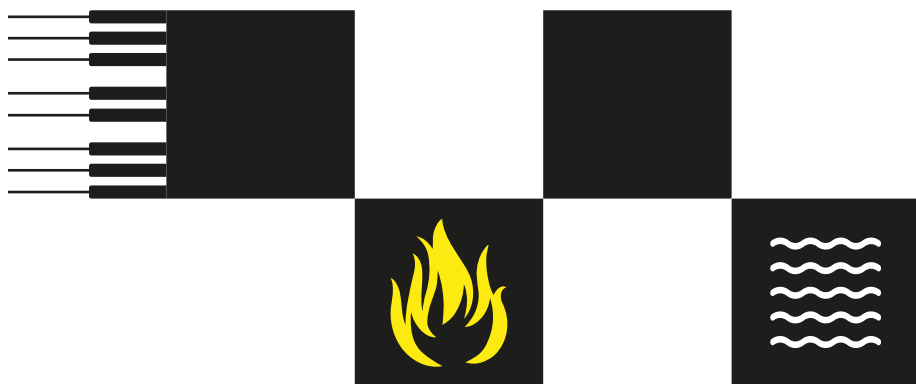
17 OUT. [SÁBADO] 22H
OCTOBER 17 [SATURDAY] 10 P.M.

MYRA MELFORD'S FIRE AND WATER QUINTET

Myra Melford – piano

Ingrid Laubrock – saxofone *saxophone* **Mary Halvorson** – guitarra *guitar*

Tomeka Reid – violoncelo *cello* **Lesley Mok** – bateria *drums*



A formação liderada pela compositora e pianista norte-americana Myra Melford reúne cinco líderes de outras formações, todas elas entre as mais inovadoras instrumentistas do jazz moderno. O projeto é profundamente inspirado na obra do artista visual Cy Twombly, em particular na série de desenhos *Gaeta Set (For the Love of Fire and Water)*.

Nesta formação, Myra Melford traduz os traços cinéticos e a energia das pinturas de Twombly em composições que misturam jazz, improvisação livre e música de câmara. «*For the Love of Fire and Water*» (2022) foi mesmo o título que, em jeito de homenagem, o quinteto tomou emprestado para o primeiro de dois registos discográficos já editados.

Após um álbum de estreia, estruturado como uma suite em 10 movimentos, o quinteto lançou «*Hear the Light Singing*» (2023), um álbum que dialoga com o primeiro, mantendo a inspiração na estética de Twombly.

Ao mesmo tempo que rejeita as composições como interpretações literais dos desenhos de Twombly, o quinteto explora sonoridades calmas, crescendos, provocações e cacofonias, repetições e ideias melódicas, mas também o poder, a tempestuosidade e a imprevisibilidade da natureza, encontrando uma poderosa imagem no modo «como a luz do sol interage com a água».

Pese embora a pianista gostasse que quem ouve as composições conhecesse a obra do pintor e escultor, considera os seus trabalhos mais como uma referência para a forma como o quinteto combina a estética musical de cada um dos seus elementos. Um encontro entre o fogo e a água, resultando numa sonoridade iluminada de mistérios e enigmas.

27.^a
EDIÇÃO
27th EDITION

ENTRADA LIVRE
Free entry

SUJEITO À LOTAÇÃO DO ESPAÇO
SUBJECT TO ROOM CAPACITY



SEIXALJAZZ

CLUBE

**SOCIEDADE FILARMÓNICA
DEMOCRÁTICA TIMBRE
SEIXALENSE**

SESSÕES ÀS 23 E 24 HORAS

SETS AT 11 P.M. AND MIDNIGHT



AV. DOM NUNO ÁLVARES PEREIRA, 119

SEIXAL



8 OUT. [QUINTA-FEIRA] 23 E 24H

OCTOBER 8 [THURSDAY] 11 P.M. AND MIDNIGHT

JOÃO PRÓSPERO

«SOPROS»

João Próspero – composição e contrabaixo *composition and double bass*

Joaquim Festas – guitarra elétrica *electric guitar*

Miguel Meirinhos – piano

Gonçalo Ribeiro – bateria *drums*

A estreia de João Próspero com «Sopros», em 2024, evidenciou a maturidade e solidez da música do baixista e compositor residente no Porto. A atenção em torno do trabalho editado pelo Carimbo Porta-Jazz mereceu o convite para diversos palcos, caso do Festival Jazz em Agosto, da Fundação Calouste Gulbenkian, assim como do Festival Porta-Jazz ao Relento, nos Jardins do Palácio de Cristal, no Porto.

Licenciado em Jazz pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, onde estudou com alguns dos mais emblemáticos músicos da cena jazzística portuguesa, o músico é um confesso admirador do universo literário de Haruki Murakami. Neste projeto procura trazer para a música a inquietude impressionista dos ambientes e histórias do escritor japonês.

A normalidade e o banal do quotidiano assumem na obra de Murakami uma fachada que, ao virar de páginas, permite descortinar a alucinação e o disruptivo. A música tem um papel relevante na obra do escritor, enquanto banda sonora, mas também como ferramenta narrativa, que caracteriza as suas personagens e definem o ritmo das suas histórias. Como a música na obra de Murakami, a literatura na obra de João Próspero, de importância maior. E em diálogo.

João Próspero's debut with 'Sopros' in 2024 highlighted the maturity and strength of the music created by the Porto-based bassist and composer. The attention surrounding the album released by Carimbo Porta-Jazz led to invitations to perform at various venues, such as the Jazz em Agosto Festival, organised by the Calouste Gulbenkian Foundation, as well as the Porta-Jazz ao Relento Festival, held in the gardens of the Palácio de Cristal in Porto.

A graduate in Jazz from the School of Music and Performing Arts in Porto, where he studied with some of the most iconic musicians in the Portuguese jazz scene, the musician is a self-confessed admirer of Haruki Murakami's literary world. In this project, he seeks to bring the impressionistic restlessness of the Japanese writer's settings and stories into the music.

In Murakami's work, the normality and banality of everyday life serve as a façade which, as the pages turn, reveals the hallucinatory and the disruptive. Music plays a significant role in the writer's work, both as a soundtrack and as a narrative tool, characterising his characters and setting the pace of his stories. Just as music is in Murakami's work, so is literature in João Próspero's work of even greater importance. And in dialogue.



Born in 1990 in Porto, Ricardo Coelho first became involved in music through church and, at the age of four, at the Valentim de Carvalho School of Music, where he studied piano and drums. He studied Percussion at the Porto Conservatory of Music and went on to complete a degree in Jazz Vibraphone at the School of Music and Performing Arts (ESMAE), having previously completed a degree in Percussion.

As a musician (drums, percussion and vibraphone), he has been part of various musical projects, such as MINA, Capicua, Diana Martínez & the Crib, Eu.Clides, Jafumega, Rui Vilhena & os Aliados and the Renato Mont Trio, amongst others. He has performed with various Portuguese symphony orchestras, the Portuguese Symphonic Band and the Pro Música Vocal Ensemble. He has worked in various parts of the world and is also a lecturer.

In 2025, he released the album 'KOHELET' (Ecclesiastes, in Hebrew) through the Carimbo Porta-Jazz label, a work inspired by the Old Testament book of the same name, which is now being performed in Seixal. The album was produced by the artist himself and was recorded at Arda Recorders by Mário Barreiros, who also handled the mixing and mastering.

In promoting the album, the composer highlights a quote from the Book of Ecclesiastes (11: 1-8 BPT), which reads: "(...) Share what you have with as many people as you can; you never know what misfortunes may befall the country. If the clouds are heavy, they pour rain down upon the earth. A tree may fall either to the south or to the north. And wherever it falls, there it will stay. He who watches the wind never sows, and he who looks only at the clouds never reaps (...)". Ricardo Coelho sowed and reaped. He is now set to share his own work, making it our own, on stage at the SeixalJazz Clube.



9 OUT. [SEXTA-FEIRA] 23 E 24H

OCTOBER 9 [FRIDAY] 11 P.M. AND MIDNIGHT

RICARDO COELHO

5TET KOHELET

Ricardo Coelho – composição e vibrafone *composition and vibraphone*

José Soares – saxofone alto *alto saxophone*

Miguel Meirinhos – piano

Filipe Louro – contrabaixo *double bass*

Marcos Cavaleiro – bateria *drums*

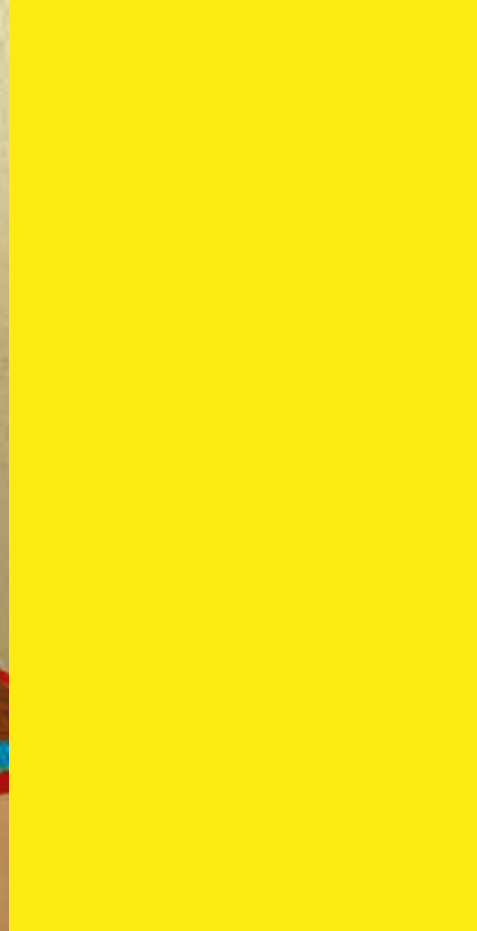
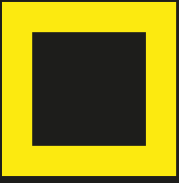
Nascido em 1990 e natural do Porto, Ricardo Coelho iniciou-se na música através da igreja, e logo aos quatro anos na Escola de Música Valentim de Carvalho, onde estudou piano e bateria. Tem o curso de Percussão do Conservatório de Música do Porto e licenciou-se em Vibrafone Jazz na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), após a frequência da licenciatura em Percussão.

Enquanto instrumentista (bateria, percussão e vibrafone) integrou projetos musicais distintos, como MINA, Capicua, Diana Martínez & the Crib, Eu.Clides, Jafumega, Rui Vilhena & os Aliados e Renato Mont Trio, entre outros. Colaborou com diferentes orquestras sinfónicas portuguesas, com a Banda Sinfónica Portuguesa e o Ensemble Vocal Pro Música. Atuou em diferentes geografias e também é professor.

Em 2025, editou no Carimbo Porta-Jazz o álbum «KOHELET» (Eclesiastes, em hebraico), trabalho que se inspira no livro homónimo do Antigo Testamento e que é agora apresentado no Seixal. O disco contou com produção do próprio e foi gravado no Arda Records por Mário Barreiros, que realizou a mistura e a masterização.

Na promoção do álbum, o compositor destaca uma citação do livro de Eclesiastes (11: 1-8 BPT) em que se pode ler «(...) Partilha o que é teu com todos os que pudeses; nunca sabes as desgraças que podem cair sobre o país. Se as nuvens estiverem carregadas, deixam cair chuva sobre a terra. Uma árvore qualquer tanto pode cair para Sul como para Norte. E onde cair lá ficará. O que anda a observar o vento nunca faz a sementeira e o que só olha para as nuvens nunca faz a colheita (...)». Ricardo Coelho semeou e colheu. Vai agora partilhar o que é dele, fazendo-o nosso, no palco do SeixalJazz Clube.





10 OUT. [SÁBADO] 23 E 24H
OCTOBER 10 [SATURDAY] 11 P.M. AND MIDNIGHT

FILIPA FRANCO TRIO

Filipa Franco – voz *vocals*

Vasco Pimentel – piano

Mário Franco – contrabaixo *double bass*

Ao longo do seu percurso, Filipa Franco tem colaborado com diversos artistas nacionais e estrangeiros e, mais recentemente, assumiu a liderança de uma formação de quinteto em nome próprio, com a qual explora um repertório original que apresentou no disco «Imagem», editado em 2024.

Aos 15 anos, iniciou o seu percurso na escola de jazz Luís Villas-Boas. Em 2018, ingressou na Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), cuja licenciatura terminou em 2021, com 20 valores no recital final de instrumento. No ano 2021, iniciou os seus estudos no mestrado em Música, também pela ESML.

Nesta formação de trio, também em nome próprio, a cantora procura transpor o estilo narrativo da escritora Virginia Woolf para formato musical, aprofundando a componente feminista presente na sua obra literária, premissa que orienta a construção deste projeto.

A escolha de Virginia Woolf é natural para a compositora e resulta do seu apreço pessoal pela autora e obra, que considera «sublime», mas também do seu interesse pelos estudos feministas e questões de género. A partir daqui, Filipa Franco dedicou-se a compor música para um pequeno *ensemble* – voz, piano e contrabaixo – onde conjuga estes elementos num diálogo artístico entre música e literatura, entre Filipa e Virginia.

Acompanhada por Vasco Pimentel e Mário Franco, Filipa vem ao SeixalJazz Clube cantar as palavras da escritora inglesa do século XX, com letras seleccionadas a partir de excertos de obras da autora de «Orlando», «As Ondas» e «Um Quarto que Seja Seu».

Throughout her career, Filipa Franco has collaborated with various Portuguese and international artists and, more recently, has taken the lead in a quintet bearing her own name, with which she explores an original repertoire featured on the album 'Imagem', released in 2024.

At the age of 15, she began her studies at the Luís Villas-Boas jazz school. In 2018, she enrolled at the Lisbon School of Music (ESML), where she completed her bachelor's degree in 2021, achieving a grade of 20 in her final instrumental recital. In 2021, she began her Master's degree in Music, also at ESML.

In this trio, also performing under her own name, the singer seeks to transpose the narrative style of the writer Virginia Woolf into a musical format, exploring in greater depth the feminist element present in her literary work – a premise that guides the development of this project.

The choice of Virginia Woolf is a natural one for the composer and stems from her personal admiration for the author and her work, which she considers "sublime", but also from her interest in feminist studies and gender issues. From this point onwards, Filipa Franco devoted herself to composing music for a small ensemble – vocals, piano and double bass – in which she weaves these elements together in an artistic dialogue between music and literature, between Filipa and Virginia.

Accompanied by Vasco Pimentel and Mário Franco, Filipa will be performing at the SeixalJazz Clube, singing the words of the 20th-century English writer, with lyrics selected from excerpts from the author's works 'Orlando', 'The Waves' and 'A Room of One's Own'.

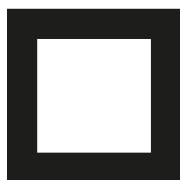
Narcolepsus is a project that brings together young musicians from Lisbon, Copenhagen and Amsterdam to perform labyrinthine original compositions, inspired by the German and post-tonal aesthetics of dodecaphonism.

The vibraphonist Duarte Ventura lives in Lisbon and was born in 2000. The saxophonist João Gato was born in the same year and lives in Copenhagen. Born in 1995, Asger Nissen is a Danish saxophonist. The double bassist Omer Govreen currently lives in Amsterdam and was born in 1994. Born in the same year in Lisbon, where he lives, João Lopes Pereira is a drummer.

They are all musicians of recognised excellence, whose youth has not prevented them from pursuing careers, collaborations and projects that have been acclaimed by music critics, the public and their peers. A group of musicians of the sort often described as “promising” – if, by that, in addition to their prospects for the future, we wish above all to highlight the many and consistent achievements demonstrated by each of them.

As a quintet, Narcolepsus takes its name from the neurological condition characterised by excessive daytime sleepiness, with intermittent and uncontrollable episodes of falling asleep. The ensemble explores dodecaphonism, a system for organising musical pitches devised in the 1920s by the Austrian composer Arnold Schoenberg.

In their search for variations on the tonal system, composers of the early 20th century explored alternative ways of organising musical notes. In this system, the 12 notes of the chromatic scale are treated as equals; in other words, they are subject to an ordered but non-hierarchical relationship. Tom Jobim, Pierre Boulez, Aaron Copland, Karlheinz Stockhausen, Igor Stravinsky, Steve Vai and Frank Zappa are some of the musicians who have used dodecaphonism in their compositions.



15 OUT. [QUINTA-FEIRA] 23 E 24H

OCTOBER 15 [THURSDAY] 11 P.M. AND MIDNIGHT

NARCOLEPSUS

João Gato – saxofone alto *alto saxophone*

Asger Nissen – saxofone alto *alto saxophone* **Duarte Ventura** – vibrafone *vibraphone*

Omer Govreen – contrabaixo *double bass* **João Lopes Pereira** – bateria *drums*



Narcolepsus é um projeto que reúne jovens músicos de Lisboa, Copenhaga e Amesterdão para tocar composições originais labirínticas, inspiradas pela estética alemã e pós-tonal do dodecafonismo.

O vibrafonista Duarte Ventura reside em Lisboa e nasceu em 2000. O saxofonista João Gato nasceu no mesmo ano e vive em Copenhaga.

Nascido em 1995, Asger Nissen é dinamarquês e saxofonista. O contrabaixista Omer Govreen encontra-se a viver em Amesterdão e nasceu em 1994. Nascido no mesmo ano, em Lisboa, onde reside, João Lopes Pereira é baterista.

Todos são músicos de reconhecida excelência, cuja juventude não impede percursos, colaborações e projetos aclamados pela crítica da especialidade, pelo público e pelos seus pares. Um conjunto de instrumentistas daqueles a que se costuma chamar promissores, se com isso, além de garantias de futuro, quisermos acima de tudo sublinhar as muitas e consistentes provas dadas por cada um deles.

Em formato quinteto, Narcolepsus é batizado com inspiração na doença neurológica caracterizada por excessiva sonolência durante o dia, com episódios intermitentes e incontroláveis de adormecimento.

A formação explora o dodecafonismo, sistema de organização de alturas musicais criado na década de 1920 pelo compositor austríaco Arnold Schoenberg.

Na procura de variações em relação ao sistema tonal, os compositores do início do século XX exploraram maneiras alternativas de organização das notas musicais. Neste sistema, as 12 notas da escala cromática são equiparadas, ou seja, sujeitas a uma relação ordenada e não hierárquica.

Tom Jobim, Pierre Boulez, Aaron Copland, Karlheinz Stockhausen, Igor Stravinsky, Steve Vai e Frank Zappa são alguns músicos que usaram o dodecafonismo nas suas composições.



16 OUT. [SEXTA-FEIRA] 23 E 24H

OCTOBER 16 [FRIDAY] 11 P.M. AND MIDNIGHT

BENJI'S TOOLBOX

Bruno Ponte – guitarra e composição *guitar and composition*
Maria Luísa – voz *vocals* **Guilherme Fradinho** – saxofone tenor *tenor saxophone*
Vasco Trindade – baixo *bass* **André Gomes** – Teclado *keyboard*
Ricardo Oliveira – bateria *drums*

A música tradicional madeirense, o jazz, o blues e o metal influenciam Benji's Toolbox. O projeto de Bruno Ponte, compositor e guitarrista madeirense, apresenta uma narrativa em torno do personagem fictício Benjamin, que aqui tem a sua vida contada por ambientes e emoções sonoras.

Benji's Toolbox nasceu do desejo do compositor de criar uma plataforma musical que transcendesse as barreiras estilísticas e onde se sentisse livre para experimentar diferentes formas de expressão.

O resultado é esta «caixa de ferramentas criativa», em que diferentes estilos combinados servem para dar vida e relatar a jornada de Benjamin, que é também uma metáfora para a própria evolução artística de Bruno Ponte.

Lançado em 2025, «Making a Toolbox» inclui sete composições originais, em que elementos da cultura musical tradicional da Madeira integram o estilo composicional de Ponte e contribuem para a definição da sua linguagem individual enquanto compositor.

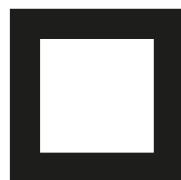
Neste primeiro registo conceptual do projeto é já possível um vislumbre da identidade do grupo e, simultaneamente, sentir essa homenagem às suas raízes insulares, através da integração de algumas influências da música tradicional do arquipélago da Madeira nas suas composições.

Traditional Madeiran music, jazz, blues and metal all influence Benji's Toolbox. This project by Bruno Ponte, a composer and guitarist from Madeira, presents a narrative centred on the fictional character Benjamin, whose life is told here through soundscapes and emotional sounds.

Benji's Toolbox was born out of the composer's desire to create a musical platform that would transcend stylistic boundaries and where he would feel free to experiment with different forms of expression. The result is this 'creative toolbox', in which a combination of different styles serves to bring Benjamin's journey to life and tell his story – a journey that is also a metaphor for Bruno Ponte's own artistic development.

Released in 2025, 'Making a Toolbox' features seven original compositions, in which elements of Madeira's traditional musical culture are woven into Ponte's compositional style and help to define his individual musical language as a composer.

In this initial conceptual outline of the project, it is already possible to catch a glimpse of the group's identity and, at the same time, to sense this tribute to their insular roots, through the incorporation of certain influences from the traditional music of the Madeira archipelago into their compositions.





One of the most distinctive voices of the new generation of Portuguese jazz hails from Coimbra. Born in 1997, the singer-songwriter Joana Raquel has developed her own unique style, which finds expression through song, improvisation and poetry, exploring the voice as an instrument that is both expressive and narrative.

Joana Raquel began learning the oboe at the age of 8 at the Phylarmonica Ançanense School of Music and holds a degree in Jazz Performance from the Porto School of Music and Performing Arts, as well as having completed the Professional Jazz Course at the Coimbra Conservatory of Music and the Valentim de Carvalho Academy of Music in Porto.

Influenced by traditional Portuguese music, Joana Raquel gives voice and music to her thoughts and convictions, writing her own lyrics in Portuguese and composing music rooted in jazz and improvisation.

'Ninhos', by Carimbo Porta-Jazz, in collaboration with Miguel Meirinhos, Demian Cabaud and João Cardita; 'Membrana', by the group doisnovetrês diagonal; 'Catarse Civil' with the Do Acaso project; and 'Eixo do Jazz Ensemble Meets Mário Laginha' are recordings from 2022 on which she features. In May 2024, she released 'Queda Áscua', her first album as the frontwoman of a band.

Joana Raquel brings 'gesta A Primavera Não Existe' to Seixal, created following an artist's residency carried out in 2023. The project is one of two that the composer has developed this year with the visual artist Diana Gil. From a series of eight poems, eight songs and an audiovisual performance were born, bringing them to life in a different way. One we'll be getting to know on the final night of the SeixalJazz Clube.

17 OUT. [SÁBADO] 23 E 24H
OCTOBER 17 [SATURDAY] 11 P.M. AND MIDNIGHT

JOANA RAQUEL -GESTA A PRIMAVERA NÃO EXISTE

Joana Raquel – voz e textos *vocals and texts* **Diana Gil** – visuais e textos *visuals and texts*
Gonçalo Ribeiro – percussões *percussions* **João Fragoso** – contrabaixo *double bass*
Rafael Santos – guitarra, clarinete e eletrónicas *guitar, clarinet and electronics*



Uma das vozes mais singulares da nova geração do jazz português é natural de Coimbra. Nascida em 1997, a cantora e compositora Joana Raquel desenvolve uma linguagem própria que encontra expressão entre a canção, a improvisação e a poesia, explorando a voz como instrumento simultaneamente expressivo e narrativo.

Joana Raquel iniciou aos oito anos a aprendizagem de oboé na Escola de Música da Phylarmonica Ançanense e possui a licenciatura de Instrumentista de Jazz na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, o Curso Profissional de Jazz do Conservatório de Música de Coimbra e da Academia de Música Valentim de Carvalho, no Porto.

Influenciada pela música tradicional portuguesa, Joana Raquel dá voz e música aos seus pensamentos e convicções, com uma escrita de textos e letras em português e composições que tomam forma na matriz do jazz e da improvisação.

«Ninhos», pelo Carimbo Porta-Jazz, em colaboração com Miguel Meirinhos, Demian Cabaud e João Cardita, «Membrana», do grupo doisnovetrês diagonal, «Catarse Civil» com o projeto Do Acaso e «Eixo do Jazz Ensemble Meets Mário Laginha» são registos de 2022 que contam com a sua participação. Em maio de 2024 assinou «Queda Áscua», o primeiro álbum à frente de uma formação.

Ao Seixal, Joana Raquel traz -gesta A Primavera Não Existe, criado na sequência de uma residência artística desenvolvida no ano de 2023. O projeto é um dos dois que a compositora desenvolveu nesse ano com a artista visual Diana Gil. A partir de uma série de oito poemas, nasceram oito canções e uma performance audiovisual que os fizeram existir de outra forma. Aquela que vamos conhecer na última noite do SeixalJazz Clube.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES COMPLEMENTARY ACTIVITIES

A 27.ª edição do Festival Internacional SeixalJazz estende-se além dos concertos, com um conjunto de atividades complementares que convidam toda a comunidade a aproximar-se do jazz. Entre 9 e 17 de outubro, a sessão «Jazz? Como assim?», conduzida por Rui Miguel Abreu e pelo guitarrista Zé Cruz, decorre em escolas secundárias, o Foyer do Auditório Municipal do Fórum Cultural do Seixal acolhe uma feira do disco e o espaço do SeixalJazz Clube recebe o concerto para famílias *Do Outro Lado do Som*, um convite à descoberta da improvisação e da criação sonora em conjunto.

The 27th edition of the SeixalJazz International Festival goes beyond the concerts, with a range of complementary activities that invite the whole community to discover jazz. From 9 to 17 October, the 'Jazz? What do you mean?' session, hosted by Rui Miguel Abreu and guitarist Zé Cruz, takes place in secondary schools; the foyer of the Municipal Auditorium at the Seixal Cultural Forum hosts the Record Fair; and the SeixalJazz Clube venue hosts the family concert 'Do Outro Lado do Som' (On the Other Side of Sound), an invitation to discover improvisation and collaborative sound creation.

9, 15 E 16 OUT.
9, 15 AND 16 OCTOBER

JAZZ? COMO ASSIM? JAZZ? WHAT DO YOU MEAN?

ESCOLAS SECUNDÁRIAS DO CONCELHO
SECONDARY SCHOOLS IN THE MUNICIPALITY
Com Rui Miguel Abreu e Zé Cruz
Featuring Rui Miguel Abreu and Zé Cruz

Esta sessão de audição procura responder a algumas questões complexas: o que é o jazz? De onde vem? Para onde vai? Ao som de discos da sua coleção e durante uma hora, Rui Miguel Abreu partilha histórias e desafia o guitarrista Zé Cruz a intervir. Nas escolas do Seixal onde esta ação tem lugar, os alunos são convidados a participar na conversa, a manipular os discos, a sugerir ideias melódicas para improvisos e a revelar as coordenadas dos seus próprios mundos musicais.

Rui Miguel Abreu escreve sobre jazz e zonas adjacentes no *Expresso* e assina o programa semanal «Notas Azuis», na Antena 2, um espaço dedicado ao lado mais desafiante do jazz moderno e aos clássicos que continuam a apontar caminhos ao presente. Dirige ainda a revista digital *Rimas e Batidas*, um projeto jornalístico de referência que acaba de apresentar um livro no qual resume 10 anos de intensa atividade crítica e de muitas descobertas em vários campos musicais, do hip-hop e das músicas eletrónicas ao jazz ou à música africana.

This listening session aims to address some complex questions: what is jazz? Where does it come from? Where is it going to? To the sound of records from his collection, and over the course of an hour, Rui Miguel Abreu shares stories and challenges guitarist Zé Cruz to join in. In the schools in Seixal where this activity takes place, pupils are invited to join in the conversation, to play with the records, to suggest melodic ideas for improvisations and to reveal the coordinates of their own musical worlds.

Rui Miguel Abreu writes about jazz and related genres for 'Expresso' and presents the weekly programme 'Notas Azuis' on Antena 2, a show dedicated to the more challenging side of modern jazz and to the classics that continue to point the way forward. He also runs the digital magazine 'Rimas e Batidas', a leading journalistic project which has just published a book summarising ten years of intense critical activity and numerous discoveries across various musical genres, from hip hop and electronic music to jazz and African music.

10 E 17 OUT. [SÁBADOS] DAS 21 ÀS 24H

10 AND 17 OCTOBER [SATURDAYS] FROM 9 P.M. TO MIDNIGHT

FEIRA DO DISCO RECORD FAIR

FOYER DO AUDITÓRIO MUNICIPAL DO FÓRUM CULTURAL DO SEIXAL

Organização de Rui Miguel Abreu

FOYER OF THE SEIXAL CULTURAL FORUM'S MUNICIPAL AUDITORIUM

Organised by Rui Miguel Abreu

17 OUT. [SÁBADO] 16H

17 OCTOBER [SATURDAY] 4 P.M.

DO OUTRO LADO DO SOM ON THE OTHER SIDE OF SOUND

SEIXALJAZZ CLUBE, NA SOCIEDADE FILARMÓNICA DEMOCRÁTICA TIMBRE SEIXALENSE

SEIXALJAZZ CLUBE, AT THE SOCIEDADE FILARMÓNICA DEMOCRÁTICA TIMBRE SEIXALENSE

Concerto para famílias com Joana Raquel, voz; Afonso Silva, saxofone e eletrónicas; Rafael Santos, guitarra e clarinete; João Fragoso, contrabaixo; Gonçalo Ribeiro, percussões.

Mergulhar num imaginário musical interativo é o convite deste concerto para famílias, que inclui toda a comunidade e, em especial, os mais pequenos, na exploração da improvisação e na criação de ambientes sonoros em tempo real. Num encontro entre mundos diferentes, aos jogos rítmicos e harmónicos juntam-se sons inesperados, desmistificando o erro, abraçando a espontaneidade e procurando uma voz em conjunto.

A concert for families featuring Joana Raquel, vocals; Afonso Silva, saxophone and electronics; Rafael Santos, guitar and clarinet; João Fragoso, double bass; Gonçalo Ribeiro, percussion.

This concert for families invites you to immerse yourself in an interactive musical world, bringing the whole community together – and especially the little ones – to explore improvisation and create soundscapes in real time. In an encounter between different worlds, rhythmic and harmonic interplay is joined by unexpected sounds, demystifying error, embracing spontaneity and seeking a shared voice.

Classificação etária: M/3 Age rating: 3 years and older

Lotação: 30 pessoas Capacity: 30 people Duração: 40 minutos Duration: 40 minutes

Ingresso: entrada gratuita, mediante reserva através do preenchimento de formulário online.

Admission: free entry, subject to booking by completing an online form.

+JAZZ

ESPAÇO JAZZ

JAZZ SHOP

Área reservada à venda de todos os materiais de representação do festival, bem como de CD e outros materiais das formações que participam nesta edição e funcionará entre as 21 e as 24 horas, no Fórum Cultural do Seixal, e no SeixalJazz Clube entre as 22 e a 1 hora.

The Jazz Shop is an area reserved for the sale of all festival merchandise, as well as CDs and other merch from the participants in this edition of the festival. Opening hours are between 9 p.m. and 12 a.m. at Fórum Cultural do Seixal and between 10 p.m. and 1 a.m. at the SeixalJazz Club.



INFORMAÇÕES

INFORMATION

BILHETEIRA

TICKET OFFICE

Os bilhetes estão à venda na rede BOL e nas bilheteiras do Fórum Cultural do Seixal.

Bilhete único: 12 euros

Desconto de 25% para jovens até aos 25 anos, reformados e trabalhadores das autarquias do Seixal.

Assinatura de bilhete único: 60 euros (6 dias)

A bilheteira do auditório abre hora e meia antes de qualquer espetáculo e encerra 15 minutos após o seu início. No balcão de informações da Biblioteca Municipal do Seixal, de terça a sexta-feira, das 10 às 19 horas, e ao sábado, das 14.30 às 19 horas.

Tickets are on sale at seixal.bol.pt and the ticket office at Fórum Cultural do Seixal.

Single ticket: 12 euros

25% discount for young people up to 25 years old, retirees and Seixal municipal workers.

Single ticket subscription: 60 euros (6 days)

The auditorium's ticket office opens 90 minutes before a show and closes 15 minutes after its start.

Tickets for sale at the Seixal Municipal Library's information desk, from Tuesday to Friday, from 10 a.m. to 7 p.m., and Saturdays, from 2:30 to 7 p.m.

festival internacional
Seixal Jazz
2026

HISTORIAL

O Seixal assume-se como um concelho que aposta num programa cultural de qualidade. O SeixalJazz é um dos exemplos. Atualmente, este evento é uma referência incontornável no panorama nacional de festivais e encontros desta área da música, apresentando um elevado padrão de qualidade que já cativou um público próprio e procura agora não só mantê-lo como atrair apreciadores de outras áreas musicais.

Em meados da década de 1990, a Câmara Municipal do Seixal decidiu apostar numa iniciativa que colocasse o concelho no roteiro cultural da Área Metropolitana de Lisboa, e que a médio prazo se pudesse tornar uma referência no país. O objetivo era claro: criar uma nova centralidade, tendo em conta o Fórum Cultural, recentemente inaugurado, e dar visibilidade à intensa atividade cultural desenvolvida pela autarquia.



Mas a forte oferta que chegava de Lisboa tornava a tarefa, no mínimo, difícil. Só um acontecimento «fora de série» e com grande qualidade artística poderia conquistar espaço na programação da área metropolitana. Após contacto com o produtor Paulo Gil, foi sugerida a produção de um festival de jazz diferente de tudo o que se tinha feito em Portugal até então. Foram os primeiros passos do SeixalJazz.

Quando em **1996** a Câmara Municipal do Seixal tornou público o programa do primeiro festival SeixalJazz, a reação da crítica foi positiva, mas cautelosa. Até então nunca nenhuma autarquia em Portugal tinha apresentado um festival tão ambicioso. Do cartaz de estreia faziam parte alguns dos maiores nomes do jazz mundial: John Abercrombie, Dave Holland, Jack DeJohnette, Steve Coleman, John Scofield, Michael Brecker e os portugueses Laurent Filipe e Carlos Barreto.

Mas não foi só o ambicioso programa que causou surpresa. O modelo também foi novidade. No SeixalJazz, cada grupo atuava duas vezes por noite – às 21.30 e às 23.30 horas – um conceito novo nos festivais portugueses, e bastante elogiado.

Outro dos atrativos foi o preço dos bilhetes, muito abaixo da tabela, e com descontos consideráveis para jovens. As atividades paralelas, em que se incluíram exposições, feiras de discos e workshops, fizeram com que durante uma semana o Seixal se tornasse na capital do jazz em Portugal.

Apesar de tudo, persistia uma dúvida: seria possível manter um nível tão elevado nas edições seguintes?

Dúvida essa que foi dissipada no final do verão de **1997**, quando a câmara municipal apresentou a segunda edição do SeixalJazz. Benny Golson, Bob Nieske, Kenny Garret, Bernardo Sasseti, Carlos Martins, Joe Lovano, Billy Kilson e Larry Coryell formaram um cartaz de luxo. Apenas com dois anos de existência, o SeixalJazz voltava a surpreender pela positiva. No final desta segunda edição até os mais céticos começaram a acreditar que o Seixal se iria impor como uma referência no panorama dos festivais nacionais.

Em **1998** voltou a apostar-se em nomes consagrados. Chick Corea, John McLaughlin, Brad Mehldau, Tomás Pimentel, Danilo Perez, Ravi Coltrane e Chico Freeman compuseram um dos melhores programas da história do SeixalJazz.



Com apenas três anos de existência e experiência, o «jovem» festival era aclamado pela crítica, e comparado aos melhores festivais da Europa. A partir de então, em outubro, o Seixal passou a ser local de passagem obrigatória para todos os amantes do jazz.

Depois do êxito de 1998, criou-se uma enorme expectativa em relação à edição de **1999**. Tudo levava a crer que seria o ano da consagração. E assim foi. Assistiram aos espetáculos mais de sete mil pessoas, um número impressionante para um festival que ia na sua quarta edição.

Nesta altura juntar na mesma semana, no mesmo palco, nomes como Joe Lovano, Jim Hall, Dave Holland, Cindy Blackman, John Patitucci, Myra Melford e Carlos Bica já não era surpresa para ninguém. Era apenas SeixalJazz.

Em **2000**, o festival tornara-se já uma referência cultural incontornável. Ironicamente foi nesse mesmo ano que perdeu o apoio do Ministério da Cultura. Numa decisão polémica, o ministro José Sasportes cortou o subsídio estatal, argumentando com o «excesso de projetos» e as «dificuldades orçamentais». Apesar deste revés, a autarquia conseguiu manter a qualidade dos anos anteriores. Em 2000 passaram pelo palco do Fórum Cultural do Seixal Mark Shim, Stefon Harris, Santi Debriano, Maria João e Mário Laginha e Paul Motian.

O SeixalJazz **2001** fica marcado pelo início do SeixalJazz Clube (SJC), um espaço localizado na antiga fábrica Mundet, em que se recriou um antigo clube de jazz. No palco do SJC, atuaram mais de uma dezena de músicos portugueses. Passou a ser um ponto de encontro entre o público do festival. Dave Douglas, Carla Cook, René Marie, Abraham Burton, Sam Rivers, Tom Varner, Freddie Hubbard e os guitarristas portugueses Mário Delgado e Nuno Ferreira, com o projeto Filacteria, completaram o programa principal.

Em **2002**, e devido às fortes restrições financeiras de que foram alvo as autarquias e à falta de apoio do Estado, a câmara municipal teve de fazer uma opção difícil: manter o festival, baixando a qualidade do programa, ou passar a fazer o SeixalJazz de dois em dois anos, mantendo a qualidade a que habituou o seu público. Preferiu-se a segunda hipótese e a sétima edição ficou agendada para 2003.



Em outubro de **2003**, o jazz regressou ao Seixal. E apesar dos receios de que o festival pudesse baixar de qualidade, tal não aconteceu. Jason Moran, Sam Rivers, Kenny Werner, Ted Nash, The Schulldogs, Andrew Hill e o guitarrista português Pedro Madaleno foram os cabeças de cartaz de um festival que mais uma vez se apresentava acima da média. Importa ainda referir que o SeixalJazz Clube recebeu nomes consagrados como Carlos Barretto, Mário Delgado, José Salgueiro, Zé Soares, Massimo Cavalli, Guto Lucena, Filipe Melo, Nelson Cascais e Nuno Ferreira. Um programa paralelo que reuniu na Mundet muito público.

A edição de **2005** do SeixalJazz apostou em nomes menos conhecidos, mas que a crítica considera como sonantes para o futuro. O Auditório Municipal recebeu, ao longo de seis noites, a música de Wayne Escoffery Quintet, Quinteto Laurent Filipe, Kurt Rosenwinkel Quintet, David Binney Sextet, Miguel Zénon Quartet e Mike Fahn & Mary Ann McSweeney Quintet, enquanto que pelo palco do SeixalJazz Clube passaram algumas das melhores formações jazzísticas nacionais.

Entre as iniciativas paralelas, destaque para a exposição CF051Ks, uma mostra sobre os quatro anos da Editora Clean Feed, o workshop de saxofone realizado pelo saxofonista e compositor George Garzone, o lançamento do livro «Jazz» com fotografias, de Rosa Reis, e O SeixalJazz Vai à Escola, iniciativa em estreia nesta edição, constituída por sessões pedagógicas de divulgação do jazz nas escolas nas quais os alunos puderam aprender e experimentar este estilo musical.

Depois de dois anos de ausência, o SeixalJazz voltou em força em **2008**, com um programa de referência. O contrabaixista britânico Dave Holland abriu esta edição, que contou também com a presença de Cindy Blackman Quartet, The Leaders e Guy Barker Jazz Orchestra. Pelo palco do SeixalJazz Clube passaram nomes como Marta Hugon Quarteto, Escola Moderna de Jazz do Seixal, Ridd Quartet, The Electrics, BRP (Inglaterra) e The Fringe.



Em **2009** assinalou-se a 10.^a edição do festival, que voltou a ser um grande sucesso e que contou com a presença de alguns artistas já conhecidos do SeixalJazz, como Joe Lovano, que subiu ao palco com o quinteto US Five, Kenny Werner; Mingus Big Bang e George Colligan Trio.

Charlie Haden, Dave Holland, Steve Wilson, David Murray com o octeto de Odean Pope, Ken Vandermark, Tony Malaby, Carlos Barretto, Júlio Resende, João Firmino, João Paulo e David Ferreira lideraram os grupos que atuaram na 11.^a edição do Festival Internacional SeixalJazz, em **2010**. O Auditório Municipal do Seixal e o SeixalJazz Clube receberam 15 concertos em 10 noites com alguns dos nomes mais importantes do jazz atual, tanto a nível interno como no panorama internacional.

Em **2011**, nomes emergentes do panorama nacional e internacional cruzaram-se com músicos conceituados no palco instalado nos antigos refeitórios da Mundet, confirmando o SeixalJazz como evento único de aposta no jazz de vanguarda e no cruzamento das linguagens musicais europeias e norte-americanas. Houve casa cheia em todos os concertos e viveu-se um espírito de clube de jazz, transformando aquele emblemático espaço num palco privilegiado para a boa música e convívio animado. Ches Smith' These Arches, Carlos Bica Azul, Paradoxical Frog, Hugo Carvalhais Quarteto e L.U.M.E – Lisbon Underground Music Ensemble – foram os grupos que subiram ao palco neste ano.

Em **2012**, a 13.ª edição do Festival Internacional SeixalJazz contou com um cartaz que levou ao Auditório Municipal, de 24 a 27 de outubro, os portugueses Jazzafari Unit, o quarteto liderado pelos americanos Ray Anderson e Marty Ehrlich, a multinacional Tora Tora Big Band, com a participação especial de Mariana Norton, e o sexteto nórdico Angles. Durante o festival decorreram também diversas atividades paralelas ao cartaz: uma exposição sobre o jazz nas coletividades do concelho nos anos 1950 e 1960, espaços reservados à venda de discos e materiais promocionais, bem como uma área reservada ao contacto mais próximo com os músicos.



A 14.ª edição do Festival Internacional SeixalJazz decorreu nos dias 17, 23, 24, 25, 26 e 29 de outubro de **2013**, no Auditório Municipal. A apresentação do festival teve lugar no dia 17 de outubro, com a estreia do documentário «A Tensão Jazz», da autoria do realizador Paulo Seabra e do crítico de jazz Rui Neves, seguida de um concerto com o pianista argentino Pablo Lapidusas. Neste ano subiram ao palco o projeto do saxofonista americano Tim Berne, que regressou ao SeixalJazz como líder para apresentar Snakeoil, considerado um dos melhores registos discográficos de 2012, editado pela etiqueta alemã ECM; The Mingus Project, coletivo português, liderado pelo contrabaixista Nelson Cascais; o alemão Joachim Kühn, pianista intimamente ligado ao jazz francês, apresentou-se em trio e o encerramento coube a Donny McCaslin Quartet, Casting for Gravity, considerado uma das novas tendências do jazz americano.

Em **2014**, os trios liderados por Craig Taborn, Mário Laginha, Louis Sclavis, Carlos Barretto e o quinteto de Ambrose Akinmusire foram as formações que subiram ao palco do Auditório Municipal para celebrar a música e o jazz no ano em que o festival atingiu a marca assinalável das 15 edições.

O SeixalJazz de **2015** apresentou um cartaz multifacetado e marcado pelo cruzamento improvável de várias linguagens jazzísticas. Pela primeira vez, o festival recebeu um concerto de jazz manouche, protagonizado pelo trio do holandês Paulus Schäfer. O gypsy jazz deste exímio guitarrista, em estreia em Portugal, abriu de forma inédita o SeixalJazz e trouxe ao Auditório Municipal o estilo jazzístico introduzido por Django Reinhardt na década de 1930. Pelo palco passaram ainda Carlos Bica e o seu Trio Azul; o quarteto do saxofonista Jerome Sabbagh; o jazz nacional pelo saxofonista Rodrigo Amado e o seu Motion Trio e, a finalizar esta edição, outro saxofonista ilustre, o norte-americano Gary Bartz, com o seu quarteto.

No ano seguinte, **2016**, o SeixalJazz voltou a ser um sucesso. A 17.ª edição contou no primeiro dia com a atuação do quinteto do argentino Dino Saluzzi, uma estreia em Portugal Continental.



No dia seguinte, 22 de outubro, o palco pertenceu à saxofonista Mette Henriette, com o seu trio. A jovem norueguesa foi considerada a grande revelação de 2015 e as suas composições e interpretações colocam-na nas áreas da música improvisada próximas da música de câmara ou do abstracionismo. A 28 de outubro, o jazz foi em português, com o quinteto do trompetista Gonçalo Marques, um músico em merecida e reconhecida ascensão, professor da Escola de Jazz do Hot Club de Portugal. Já a 27 de outubro, foi a vez do quarteto de Hugo Carvalhais, com o Projecto Grand Valis. Ricardo Toscano, saxofonista do concelho, subiu ao palco no dia seguinte, apresentando-se com o seu quarteto. Com vários prémios ganhos, foi considerado o melhor músico nacional em 2015, com apenas 22 anos. A finalizar esta edição do SeixalJazz, ouviram-se no auditório os sons dos saxofones do norte-americano Colin Stetson. A sua música é difícil de classificar, atravessando os domínios da livre improvisação e da chamada música indie.

A 18.ª edição do SeixalJazz decorreu de 19 a 28 de outubro de **2017** e pelo palco do Auditório do Fórum Cultural do Seixal passou o quinteto de Wolfgang Muthspiel, que abriu esta edição, seguindo-se o projeto Slow Is Possible, Michaël Attias e o seu quarteto, o quinteto de João Barradas, o quarteto de Dominique Pifarély, e, a terminar, o incontornável nome do jazz Lee Konitz. Neste ano esteve de volta o Seixajazz Clube que funcionou no espaço da Mundet Factory, com seis noites de formações nacionais. Ricardo Toscano Trio, Volúpia das Cinzas e The Rite of Trio foram os escolhidos para o programa do SeixalJazz Clube.

Em **2018** teve lugar a 19.ª edição do Festival Internacional SeixalJazz, que decorreu de 18 a 27 de outubro, com um cartaz de novos talentos e respeitados mestres do jazz. Andy Sheppard, Mark Guiliana, José Salgueiro, Aaron Parks, Kuba Wiecek, Roots Magic e João Hasselberg com Pedro Branco lideraram as formações que trouxeram os sons do improvisado até à Margem Sul. Neste ano, o SeixalJazz Clube estreou-se num novo espaço da antiga corticeira Mundet: o Armazém 56 – Arte Sx, com um programa composto por quatro formações nacionais.



No ano seguinte, **2019**, o SeixalJazz comemorou as suas vinte edições com um programa muito variado, que incluiu a participação do trio do americano Kenny Barron, do projeto a quatro do português César Cardoso, do quarteto do guitarrista Peter Bernstein, de Ralph Towner acompanhado das suas guitarras de 6 e 12 cordas, dos polacos Wojtek Mazolewski Quintet, da nova geração representada pelo Ricardo Toscano Trio feat Ali Jackson e da orquestra liderada pelo pianista John Beasley, num tributo claro ao norte-americano Thelonious Monk. Nesse ano, o SeixalJazz Clube decorreu mais uma vez no Armazém 56 – Arte Sx, na antiga fábrica corticeira Mundet, e contou com um programa composto por seis formações: Fragoso Quinteto, Daniel Neto Quinteto, Miguel Rodrigues Trio, Trio NoA, Indra Trio e Jeffery Davis Quintet.

Em **2020**, o SeixalJazz decorreu num formato diferente, mas em segurança face à pandemia de covid-19. O Seixal não quis deixar passar esta oportunidade de apoiar e continuar a marcar o seu espaço no panorama jazzístico nacional e o cartaz chegou em 2020 com projetos só portugueses, de qualidade indiscutível. Nos dias 15, 17, 21, 22, 23, 24 e 25 de outubro subiram ao palco do Auditório Municipal do Fórum Cultural do Seixal o Sexteto de Jazz de Lisboa, André Rosinha Trio, TGB, o projeto de Eduardo Raon, Luís Figueiredo e João Hasselberg, o laboratório de Ricardo Pinheiro e Miguel Amado, o quinteto de Isabel Rato e, a encerrar a edição, Eduardo Cardinho Quarteto.



Em **2021**, o Festival Internacional SeixalJazz celebrou 25 anos de existência e regressou, entre os dias 14 e 23 de outubro, ao Auditório Municipal do Fórum Cultural do Seixal. Mantendo como objetivo apresentar um cartaz que evidencia uma atenção às novas tendências e linguagens do jazz nacional e internacional, a programação retomou a participação de grupos estrangeiros, que na edição de 2020 não foi possível concretizar devido à pandemia. O Quarteto de Billy Hart, Diogo Alexandre Bock Ensemble, L.U.M.E. – Lisbon Underground Music Ensemble, João Lencastre's Communion 3, Seamus Blake & Joe Sanders «Infinity», Melissa Aldana Quartet e The Trio featuring Ted Nash, Steve Cardenas & Ben Allison foram os nomes que ao longo de sete noites subiram ao palco do Auditório Municipal.

Em **2022**, as primeiras três noites ficam a cargo de três pianistas. A abrir, o consagrado Monty Alexander, detentor de uma carreira com mais de 60 anos. Seguiu-se o trio de Mário Laginha, nome incontornável do panorama jazz em Portugal, que, em 2022, após 12 anos sem gravar, editou o álbum «Jangada», trabalho que serviu de base ao concerto apresentado no Seixal. A fechar as primeiras noites do festival, subiu ao palco Antonio Faraó, pianista italiano com mais de 30 anos de carreira. Mário Barreiros e um dos quartetos com que gravou o álbum «Dois Quartetos Sobre o Mar», Ambrose Akinmusire, destacado como um dos melhores trompetistas do mundo, e o jazz vocal de Samara Joy completaram o programa desta edição.



Em **2023**, destacaram-se músicos cujas carreiras marcaram o jazz norte-americano nas últimas décadas, nomeadamente Christian McBride, William Parker, Andrew Cyrille e Enrico Rava, e, por outro lado, músicos que a crítica especializada considera dos mais talentosos de uma nova geração e que irão definir o panorama do jazz nos próximos anos, como é o caso do saxofonista Immanuel Wilkins. Ao palco subiram também dois projetos portugueses, liderados por jovens músicos, o baterista Mário Costa e o saxofonista Ricardo Toscano, a quem foi feito um convite para apresentar um concerto inédito neste festival. O cartaz contou ainda com um *ensemble* europeu, conduzido pelo contrabaixista Per Zanussi.

A programação de **2024** apresentou dois projetos norte-americanos de dois dos músicos mais relevantes da atualidade: o pianista Vijay Iyer, que adiciona a intervenção social a uma obra consistente e inovadora, e Kurt Rosenwinkel, que trouxe o projeto The Next Step, considerado marcante na história do jazz. A fechar, o festival apresentou um jovem músico, instrumentista exímio e talentoso compositor, que é um dos músicos que irá definir o futuro do jazz, o vibrafonista Joel Ross. Relativamente à participação de músicos portugueses, subiu ao palco um novo grupo da cena jazzística nacional, os FOCA, que reúne vários músicos de referência, de várias gerações, que trazem para a música do grupo diferentes abordagens e sonoridades. Destacaram-se ainda dois projetos que refletem a vitalidade do jazz nacional, a sua expressão no jazz europeu e o reconhecimento internacional dos músicos portugueses. O primeiro junta um dos músicos portugueses mais internacionais da atualidade, o saxofonista Rodrigo Amado, a Gonçalo Almeida no contrabaixo, e a Onno Govaert na bateria, e conta com a pianista Eve Risser, num espetáculo intitulado The Attic & Eve Risser. O segundo é o projeto Trespass Trio, resultado da colaboração entre músicos noruegueses e suecos a que foi adicionada a participação da trompetista portuguesa Susana Santos Silva.



Artemis, Fred Hersch, Carlos Bica Quarteto, James Brandon Lewis Quartet, Yazz Ahmed e Tyn Wybenga Brainteaser Ensemble subiram ao palco do Auditório Municipal do Fórum Cultural do Seixal, na 26.ª edição do Festival Internacional SeixalJazz, que decorreu de 9 a 18 de outubro de **2025**. O SeixalJazz continuou a apresentar uma programação musical em dois espaços (com o SeixalJazz Clube a acontecer no Armazém 56 – Arte Sx, na Mundet), pelos quais passaram jovens promessas e consagrados, música de diferentes geografias e inspirações, com formações lideradas por compositores e instrumentistas brilhantes e verdadeiros coletivos de músicos virtuosos.

festival internacional
Seixal Jazz
2026



**8A17
OUT.** AUDITÓRIO MUNICIPAL
DO FÓRUM CULTURAL
DO SEIXAL

**27.^a
EDIÇÃO**

CHRISTIE

CAMILLA

LUIS

HUGO

MYRA

DASH ELL
GEORGE
VICENTE
CARVALHAIS
MORAN
MELFORD

TRIO

EXPANDING HORIZONS
WITH LEO GENOVESE
AND TONY MALABY

OBLONG EMISSION

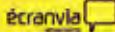
'S
FIRE AND WATER
QUINTET

PROGRAMA



SEIXALJAZZ CLUBE
SOCIEDADE FILARMÓNICA DEMOCRÁTICA
TIMBRE SEIXALENSE
23 E 24 HORAS

patrocinador / apoiador



mídia partner



cm-seixal.pt

